

Introdução de Lydia Davis	7
<i>Madame Bovary</i>	
Primeira Parte	31
Segunda Parte	93
Terceira Parte	243
Notas de Tradução	355

CAPÍTULO I

Estávamos na sala de estudo quando o director entrou, seguido de um *novo* vestido à provinciana e de um ajudante que transportava uma carteira grande. Os que dormiam acordaram, e todos se levantaram como que surpreendidos no seu trabalho.

O director fez-nos sinal para que voltássemos a sentar-nos; depois, virando-se para o prefeito:

— Monsieur Roger — disse ele a meia-voz —, trago aqui um aluno que lhe recomendo. Entra para a quinta classe. Se o trabalho e o comportamento dele tiverem algum merecimento, será transferido *para os grandes*. Já tem idade para isso.

O *novo*, que ficara no canto, atrás da porta, de modo que mal o víamos, era um rapaz do campo, de cerca de quinze anos, e mais alto do que qualquer um de nós. Usava os cabelos cortados em franja sobre a testa, como um cantor de igreja de aldeia, e tinha um ar comedido e muito acanhado. Embora não fosse largo de ombros, o casaco de tecido verde com botões pretos devia deixá-lo pouco à vontade, e pela abertura das mangas podiam ver-se-lhe os pulsos vermelhos, habituados a estarem nus. As pernas, com meias azuis, saíam de umas calças amareladas, muito puxadas pelos suspensórios. Calçava sapatos grossos, mal engraxados, reforçados de cardas.

Começou-se a dar lição. Ele escutava, de orelha fita, atento como se ouvisse um sermão, não ousando mesmo cruzar as pernas nem apoiar-se no cotovelo, e às duas horas, quando a sineta tocou, o prefeito foi obrigado a avisá-lo, para que se metesse na forma conosco.

Tínhamos o hábito, ao entrar na aula, de arremessar os bonés para o chão, a fim de termos depois as mãos mais livres; logo à entrada,

atirávamo-los para baixo do banco, de maneira que batessem na parede, fazendo muita poeira; era da *praxe*.

Mas, fosse porque não tivesse observado a manobra ou porque não ousasse submeter-se a ela, havíamos já terminado a oração e ainda o *novo* tinha o boné em cima dos joelhos. Era uma destas coberturas de ordem compósita, onde se encontram os elementos do boné de pêlo, do *chapska*¹, do chapéu redondo, da boina de lontra e do barrete de algodão, uma destas pobres coisas, enfim, cuja fealdade muda tem profundezas de expressão como o rosto de um imbecil. De forma ovóide e recheado de barbas de baleia, começava por três rolos circulares; depois alternavam-se, separados por uma risca vermelha, losangos de veludo e de pele de coelho; vinha em seguida uma espécie de saco que terminava por um polígono cartonado, coberto por uma complicada guarnição de sutache, da qual pendia, na extremidade de um cordão comprido e delgado, um pequeno entrançado de fio de ouro, do feitio de uma bolota. O boné era novo; a pala brilhava.

— Levante-se — disse o professor.

Ele levantou-se: o boné caiu. Toda a classe se pôs a rir.

Baixou-se para o apanhar. Um vizinho voltou a fazê-lo cair com uma cotovelada; ele apanhou-o outra vez.

— Veja lá se se desembaraça do boné — disse o professor, que era um homem espirituoso.

Houve um riso barulhento dos estudantes que confundiu o pobre rapaz, a tal ponto que não sabia se havia de ficar com o boné na mão, deixá-lo cair ou pô-lo na cabeça. Tornou a sentar-se e pousou-o nos joelhos.

— Levante-se — tornou o professor —, e diga-me o seu nome.

O *novo* articulou, com voz balbuciante, um nome ininteligível.

— Repita!

O mesmo balbuciar de sílabas se fez ouvir, abafado pela algazarra da classe.

— Mais alto! — gritou o mestre —, mais alto!

O *novo*, tomando então uma resolução extrema, abriu uma boca desmesurada e lançou a plenos pulmões, como para chamar alguém, esta palavra: *Charbovari*.

Isto deu lugar a um tumulto que se elevou de súbito, subiu num crescendo, com gritos de vozes agudas (havia uivos, ladridos, ruídos de pés, e toda a gente repetia: *Charbovari! Charbovari!*), que depois rolou em notas isoladas, acalmando-se muito a custo, e que por vezes

reaparecia de súbito numa fila de bancos, de onde se soltava ainda, como uma bomba mal apagada, algum riso abafado.

Entretanto, sob a chuva dos castigos, restabeleceu-se pouco a pouco a ordem na aula, e o professor, que conseguira compreender o nome de Charles Bovary, depois de lho mandar ditar, soletrar e reler, ordenou logo a seguir ao pobre diabo que se fosse sentar no banco dos preguiçosos, ao pé da sua cadeira. Ele pôs-se em movimento, mas, antes de encetar a marcha, hesitou.

— Que procura? — perguntou o professor.

— O meu bo... — balbuciou timidamente o *novo*, passeando à sua volta olhares inquietos.

— Quinhentos versos a toda a aula! — exclamou em voz furiosa o professor, detendo, como um *Quos ego*, uma nova borrasca. — Deixem-se estar sossegados! — continuava, indignado, e, limpando a testa com o lenço que acabara de tirar do gorro: — Quanto ao senhor *novo*, vai-me copiar vinte vezes o verbo *ridiculus sum*.

Depois, em voz mais branda:

— Então! Há-de encontrar o seu boné; não lho roubaram!

Voltou a calma a todos. As cabeças curvaram-se sobre os cadernos, e o *novo* ficou durante duas horas numa atitude exemplar, embora, de tempos a tempos, dos bicos dos aparos lhe fossem arremessadas algumas bolinhas de papel que lhe iam salpicar o rosto. Mas ele limpava-se com a mão, e ficava imóvel, de olhos baixos.

À tarde, na sala de estudo, tirou da carteira as mangas postiças, colocou em ordem os seus pequenos apetrechos e dispôs cuidadosamente o papel. Vimo-lo trabalhar conscienciosamente, procurando todas as palavras no dicionário e não se poupando a esforços. Foi, certamente, devido à boa vontade de que deu provas que ele não passou para a classe inferior; pois, embora soubesse sofrivelmente as regras, continuava a faltar-lhe a elegância de maneiras. Fora o cura da sua aldeia que começara a ensinar-lhe latim, visto que os pais, por economia, não o tinham mandado ao colégio senão o mais tarde possível.

O seu pai, Monsieur Charles-Denis-Bartholomé Bovary, antigo cirurgião-ajudante do exército, comprometido, cerca de 1812, numa questão de alistamento de recrutas e obrigado a deixar o serviço por essa época, aproveitara então as suas vantagens pessoais para conseguir, sem grande esforço, um dote de sessenta mil francos que se lhe oferecia na filha dum fabricante de chapéus, que se apaixonara pela

sua elegância. Homem de boa figura, jactancioso, fazendo tilintar as esporas, ostentando umas suíças que se juntavam aos bigodes, com os dedos sempre recheados de anéis e vestindo cores berrantes, apresentava o aspecto de um herói, com a vivacidade fácil de um caixeiro-viajante. A seguir ao casamento, viveu dois ou três anos a expensas da fortuna da mulher, jantando bem, levantando-se tarde, fumando em grandes cachimbos de porcelana, não entrando em casa à noite senão depois dos espetáculos e frequentando os cafés. O sogro morreu e deixou pouca coisa; isto indignou-o e fez que se lançasse *na fábrica*, onde perdeu algum dinheiro; depois retirou-se para o campo, onde pretendeu *viver dos rendimentos*. Mas como percebia tanto de agricultura como de feltros, montava os seus cavalos em vez de os mandar para os trabalhos de lavoura, bebia as suas garrafas de sidra em vez de as pôr à venda, comia a melhor criação dos seus viveiros e engraxava as botas de caça com a gordura dos porcos, não tardou a compreender que lhe era preferível abandonar toda a especulação.

Desembolsando duzentos francos por ano, encontrou para alugar numa aldeia, nos confins da região de Caux e da Picardia, uma habitação que era metade herdade, metade casa senhorial; e aborrecido, roído de pesar, acusando o céu, invejoso de toda a gente, ali se encerrou, com a idade de quarenta e cinco anos, desgostoso com os homens, dizia ele, e decidido a viver em paz.

A sua mulher estivera outrora louca por ele; amara-o com um servilismo extremo, que ainda mais a afastara dele. Noutros tempos cheia de animação, expansiva e amorosa, tornara-se, ao envelhecer (à maneira do vinho que, exposto ao ar, se transforma em vinagre), de humor difícil, resmungona, cheia de nervosismo. Tinha sofrido tanto, sem se queixar, nos primeiros tempos, quando o via correr atrás de todas as prostitutas da aldeia, voltando à noite de maus lugares, cheio de tédio e cheirando a vinho! Depois, o seu orgulho revoltara-se. Calara-se então, engolindo a raiva num estoicismo mudo, que manteve até à morte. Andava sempre em canseiras, em negócios. Ia falar com os advogados, com o presidente do tribunal, lembrava-se do vencimento das letras, conseguia adiamentos; e, em casa, remendava, cosia, engomava, vigiava os trabalhadores, pagava as contas, enquanto, sem se preocupar com coisa alguma, o senhor, continuamente adormentado numa sonolência enfadada de que não despertava senão para lhe dizer coisas impertinentes, ficava a fumar ao canto do lume, escarrando nas cinzas.

Quando ela teve um filho, foi preciso pô-lo na ama. Voltando para casa dos pais, o pimpolho foi tratado como um príncipe. A mãe enchia-o de doces; o pai deixava-o correr descalço, e, para fazer de filósofo, dizia que poderia até andar nu, como os filhos dos animais. Contrariamente às tendências maternas, tinha em mente certo ideal viril da infância, segundo o qual tratava de formar o filho, querendo que ele fosse criado com dureza, à espartana, para vir a ser bem constituído. Mandava-o deitar às escuras, ensinava-o a beber grandes copos de rum e a insultar as procissões. Mas, naturalmente pacífico, o petiz correspondia mal aos seus esforços. A mãe trazia-o sempre atrás dela; recortava-lhe cartões, contava-lhe histórias, tinha junto dele monólogos intermináveis, cheios de melancólicas alegrias e de blandícias tagarelas. No isolamento da sua vida, foi sobre aquela cabeça infantil que se amontoaram todas as suas vaidades dispersas, quebradas. Sonhava altas posições, via-o já crescido, belo, espirituoso, feito engenheiro de pontes e calçadas ou magistrado. Ensinou-o a ler, e até, utilizando um velho piano que tinha em casa, a cantar duas ou três pequenas romanças. Mas, de tudo isto, Monsieur Bovary, que pouco se importava com as letras, dizia que *não valia a pena!* Teriam eles alguma vez o suficiente para o manter nas escolas do governo, comprar-lhe um cargo ou um negócio comercial? Além disso, *com desca-ramento, um homem acaba sempre por vencer na vida.* Madame Bovary mordia os lábios e a criança vagabundeava pela aldeia.

Observava os trabalhadores, e perseguia, arremessando-lhes torções de terra, os corvos, que debandavam. Comia amoras ao longo dos valados, guardava perus com uma vara, punha o trigo a secar pelas colheitas, corria nos bosques, jogava à macaca no adro da igreja em dias de chuva, e, na época das festas, pedia ao sacristão que o deixasse tocar os sinos, para se pendurar na corda grande e se sentir levado por ela como se estivesse a voar.

Assim cresceu como um carvalho. Adquiriu mãos fortes, belas cores.

Aos doze anos, a mãe conseguiu que ele comesse a estudar. Encarregaram disso o cura. Mas as lições eram tão curtas e tão mal seguidas que não podiam servir para grande coisa. Era nos momentos vagos que elas se davam, na sacristia, de pé, à pressa, entre um batizado e um enterro; ou então o cura mandava buscar o seu aluno depois das ave-marias, quando não tinha de sair. Subiam ao quarto, instalavam-se: os mosquitos e as borboletas nocturnas volteavam em

torno do candeieiro. Estava calor, o petiz adormecia; e o velhote, deslizando no sono, com as mãos sobre o ventre, não tardava a ressonar, de boca aberta. Outras vezes, quando o senhor cura, voltando de ministrar o viático a algum doente das cercanias, lobrigava Charles em correrias no campo, chamava-o, fazia-lhe um sermão de um quarto de hora e aproveitava a ocasião para o mandar conjugar os verbos ao pé de uma árvore. A chuva vinha interrompê-los, ou um conhecido que passava. Apesar de tudo, estava sempre satisfeito com o aluno, dizia mesmo que o *jovem* tinha muita memória.

Charles não podia ficar por ali. A senhora sua mãe foi enérgica. Envergonhado, ou antes fatigado, o senhor seu pai cedeu sem resistência, e esperou-se mais um ano para que o garoto fizesse a primeira comunhão.

Seis meses se passaram ainda; e, no ano seguinte, Charles foi definitivamente mandado para o colégio de Rouen, onde o próprio pai o levou, pelo fim de Outubro, na época da feira de Saint-Romain.

Seria agora impossível a qualquer de nós lembrar-se do que quer que fosse a seu respeito. Era um rapaz de temperamento moderado, que brincava nos recreios, trabalhava no estudo, escutava na aula, dormia bem no dormitório, comia bem no refeitório. Tinha por tutor um quinquilheiro por grosso da rue Ganterie, que o ia buscar uma vez por mês, ao domingo, depois de fechar a loja, o mandava passear no cais a ver os barcos, depois o acompanhava ao colégio pelas sete horas, antes da ceia. Nas tardes de quinta-feira, escrevia uma longa carta à mãe, com tinta vermelha e três obreias; depois copiava os apontamentos de História, ou lia um velho volume de *Anacharsis*² deixado na sala de estudo. No passeio conversava com o criado, que era camponês como ele.

À força de aplicação, manteve-se sempre entre os alunos médios da classe; uma vez, ganhou mesmo um primeiro prémio de História Natural. Mas, ao fim do seu terceiro ano, os pais tiraram-no do colégio para o mandarem estudar Medicina, persuadidos de que sozinho poderia chegar ao bacharelato.

A mãe escolheu-lhe um alojamento, num quarto andar, que dava para o rio Eau-de-Robec, em casa de um tintureiro do seu conhecimento. Foi ela quem combinou o necessário para a pensão, lhe arranhou os móveis, uma mesa e duas cadeiras, mandou vir de sua casa uma velha cama de cerejeira, e comprou ainda um pequeno fogão de ferro fundido, com a provisão de lenha que devia aquecer o seu pobre